



**CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO  
CAMPUS III – GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA**

**GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO**

**CRISTIANE GOMES SIMÕES MOURA**

**AS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS NA LITERATURA NORDESTINA:  
Enfoques na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos**

**Guarabira/PB**

**2019**

**CRISTIANE GOMES SIMÕES MOURA**

**AS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS NA LITERATURA NORDESTINA:  
Enfoques na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia), apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação do Professor Dr. Belarmino Mariano Neto.

**Guarabira/PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

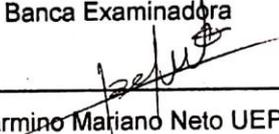
M456r Moura, Cristiane Gomes Simões.  
As representações geográficas na literatura nordestina [manuscrito] : enfoques na obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos / Cristiane Gomes Simões Moura. - 2019.  
43 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto ,  
Coordenação do Curso de Geografia - CH."  
1. Sertão. 2. Seca. 3. Miséria. I. Título  
21. ed. CDD 410

**AS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS NA LITERATURA NORDESTINA:  
Enfoques na obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos**

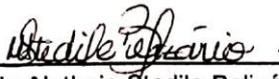
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à banca examinadora, no  
curso de Geografia pela Universidade  
Estadual da Paraíba, como pré-requisito  
para obtenção do grau de Licenciatura  
Plena em Geografia.

Aprovada em 29/11/2019.

Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG  
Orientador (Doutor em Sociologia pela UFPB/UFCG)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - UEPB/CEDUC/DG  
Examinador (Doutor em Geografia pela UFRN)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário - UEPB/CH/DG  
Examinadora (Mestre em Geografia pela UECE)

**Guarabira/PB  
2019**

Ao Nosso Senhor, que é a grande razão de estar aqui, em quem deposito toda confiança e segurança em seguir em frente. Ao meu marido por todo amor e dedicação e as inúmeras conversas construtivas para a conclusão e realização dos meus estudos. Aos meus pais que me ofereceram a melhor base de vida que poderia ter, aos meus irmãos e tias por estarem sempre confiando e rezando por mim, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu perseverança, coragem e dedicação para seguir firme em meus estudos e em meus sonhos, por ter me dado força para vencer dificuldades, medos, e por ter me ensinado que tudo possível, desde que Ele esteja á frente.

Agradeço infinitamente aos meus pais, pois foram eles que através da humildade, honestidade e trabalho, puderam me proporcionar estudo e principalmente vontade e amor pelos estudos. Ao meu pai Gilberto pelo homem trabalhador, batalhador, que saía de um trabalho para o outro para que nada nos faltassem em nosso lar. À minha mãe Josefa, por ter sido sempre essa mulher que coloca a família á frente de qualquer problema, adversidade e dificuldade, que se abdicou por sua família. Para vocês fica aqui o meu eterno amor, respeito e agradecimento.

Ao meu grande amor Aislan, que Deus me deu de presente para somarmos juntos, para nos ajudarmos sempre, um ao lado do outro. Com você o caminho ficou mais claro, firme e seguro. A nossa missão é transcrita pelas palavras amor, dedicação, união e confiança. Fomos escolhidos por Deus, para servirmos juntos, na confiança do Senhor. Sei que a cobrança é grande, mais entendo que você só quer o meu bem, em cada cobrança sua a nota vai subindo nos concursos. Estou chegando lá amor.

Para o meu pequeno Aislan Segundo, o meu Pequeno Príncipe, que alegra a minha vida de uma forma totalmente diferente. É para você e nossa família que luto todos os dias. Para você quero deixar a simples mensagem, que não há riqueza maior que a honestidade, que o trabalho e os estudos. Mamãe te ama muito.

Aos meus irmãos César e Charles por tudo que fazem por mim, por cada apoio que me dedicam. Graças a Deus, só tenho que agradecer a Deus por voes existirem em minha vida, por sermos unidos, firmes e irmãos acima de tudo. Nossa base fc firme e todos os nossos ensinamentos levamos para a nossa vida adul passaremos para os nossos filhos.

Aos meus queridos sobrinhos, João Víctor, Pedro Vinícius e Maria Alice, agradeço a Deus por cada sorriso de vocês, por cada abraço e amor. O amor por vocês é grande, e a cobrança ainda maior não tenha dúvida disso crianças. As minhas tias, Lourdes, Josilda e Betânia por cada oração que dedicam a mim, por estarem sempre acreditando em meus esforços, nos meus estudos e em tudo que faço. Sei

que cada conquista que Deus me presenteia vocês ficam felizes. Me alegro em ver vocês felizes. Serei sempre grata por todo amor.

Ao meu Orientador, Belarmino Mariano Neto, que desde a primeira aula, já havia escolhido como orientador, por ter visto nele qualidades inconfundíveis que todos alunos desejam encontrar em seus professores, tais como, respeito ao aluno, carinho e amor a profissão, profissionalismo, conhecimento e muita dedicação e serviço a Geografia. Agradeço por todas as contribuições em minha vida acadêmica, por me apresentar a geografia de uma forma tão dinâmica, real, atual. Agradeço por toda confiança, paciência e dedicação ao meu trabalho, sei que seria muito difícil se o senhor não fosse o meu orientador.

Ao meu professor Edvaldo Carlos de Lima, o mais conhecido professor Lima, por ter me apresentado a Geografia Agrária, por ter visto em mim um potencial que eu mesma não acreditava. Obrigada por ter transformado o curso de Geografia mais prazeroso, com muito mais conhecimento e dedicação.

A minha professora Luciene Arruda, que é um exemplo de profissionalismo, de dedicação, conhecimento, respeito, pela pessoa humana e carinhosa que sempre foi. Até nos momentos de broncas ela tinha uma postura de muita classe, de respeito. Tenho certeza que o curso não teria o mesmo brilho e faltassem as suas aulas. Fica aqui a minha eterna admiração por tudo que aprendiz em suas aulas. É um exemplo a ser seguido dentro da UEPB e em qualquer Instituição privada ou particular. Uma profissional a ser seguida.

Ao professor Leandro Paiva do Monte Rodrigues, pois nele nos espelhamos por um ter sentado nestas cadeiras e hoje ser um professor respeitado, inteligente e dedicado. Amigo dos alunos, sempre nos passando mais conhecimento e nos orientando a sermos mais pesquisadores, mais curiosos e ter a esperança que também venceremos. Temos a certeza que cada aula, cada sermão, cada cobrança e incentivo não foi em vão. Suas contribuições foram essenciais para a conclusão deste curso.

Quero agradecer a minha turma 2012.1, a melhor turma da UEPB, que graças a Deus sempre estivemos juntos, um ajudando ao outro, sem inveja, sem desrespeito, com muito carinho e companheirismo que Deus nos ilumine sempre em nossa jornada Poderia ficar aqui escrevendo inúmeros adjetivos para descrever esta turma impar da qual tiver prazer de ser mais uma dentro deste grupo maravilhoso. Agradeço a

confiança que sempre tiveram comigo ao eleger como Presidenta turma, e como amiga, este sentimento levarei comigo e passarei adiante, meu muito obrigado. Ficam aqui minhas eternas gratidões e carinhos por todos meus companheiros de classe e Em Especial à minha parceira Jacielly Bulhões, Ivanílson Crescêncio, Daniel Fernandes, Fabiana e Edvânio, nossos trabalhos sempre foram destaques, principalmente pela humildade de estarmos ajudando e intercedendo junto aos professores por aquele que de alguma forma não conseguiam realizar os trabalhos da forma que os professores desejavam. A nossa turma vivenciou momentos únicos que acrescentaram muito em nossa vida profissional que atuamos hoje.

Não poderia deixar de citar a Coordenação de Geografia que realiza um trabalho com muito respeito, carinho e dedicação. Fica aqui o meu respeito e carinho por Tânia, Elisângela e agora Valdir, seus trabalhos merecem respeito e confiança. Muito obrigada por todas por todo respeito e carinho que vocês depositam nos alunos.

Aos demais professores que aqui não mencionei, fica aqui o respeito e admiração por ter contribuído direta ou indiretamente na minha formação acadêmica e profissional, meus sinceros agradecimentos. Espero retribuir repassar os meus conhecimentos adquiridos com vocês nesta jornada. Fica aqui, o meu simples e humilde obrigado por tudo, por cada minuto, cada aula, cada apostila e pelo trabalho de todos vocês que fazem o Curso de Geografia ser uns dos mais escolhidos de nosso Campus. Obrigada.

*“Arrastaram se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuiá pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.”*

*(Vidas Secas, Graciliano Ramos)*

## **043 - LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MOURA, Cristiane Gomes Simões. As representações geográficas na literatura nordestina: Enfoques na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Orientador: Belarmino Mariano Neto. 2019. 41 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto  
Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues  
Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como foco principal analisar o espaço geográfico através da obra do autor alagoano Graciliano Ramos, em “Vidas Secas”, criando assim uma relação interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura regionalista brasileira. O cenário principal da obra é o sertão nordestino, onde uma família de retirante, tenta sobreviver a todo custo da fome, miséria e descaso social. A Geografia Cultural nos deu o suporte teórico e metodológico para a sistematização das idéias que entram na história para analisar e mostrar ao leitor que é possível conhecer a realidade dos nordestinos que habitam os sertões mesmo sem nunca ter ido a esta região, sabendo que as condições climáticas, tais como a falta de chuva, a seca, a desumanização e as desigualdades socioeconômicas, interferem diretamente na maioria das pessoas que vivem e trabalham no Sertão Nordeste. Além de Ramos (ano) como referencial principal e como objeto da pesquisa, bem como, outros autores como: Corrêa (1995). Como afirma Castro (1946), existe uma “Geografia da Fome”, para além da ficção literária. O interesse pela análise geográfica de uma obra literária se deu pelo fato de ela demonstrar com riquezas de detalhes que a miséria tratada na obra não é apenas a provocada pela seca, mas também a miséria imposta pela concentração de poder e riquezas que geram profundas desigualdades socioeconômicas e de oportunidades.

**Palavras- chave:** Literatura, Geografia, Fome, Miséria.

## **043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MOURA, Cristiane Gomes Simões. As representações geográficas na literatura nordestina: Enfoques na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Orientador: Belarmino Mariano Neto. 2019. 41 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto  
Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues  
Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário

### **ABSTRACT**

The present work has as main focus to analyze the geographical space through “the work of the Alagoan author Graciliano Ramos, in “Vidas Secas”, this creating an interdisciplinary relationship between geography and Brazilian regionalist literature. The main scenario of the work is the northeastern backcountry, where a retreating family tries to survive at all costs from hunger, misery and social neglect. Cultural geography has given us the theoretical and methodological support for the systematization of the ideas that enter history to analyze and show the reader that it is possible to know the reality of the northeast terns who live in the back lands even without having ever been to this region knowing that the conditions climate change such as lack of rain drought dehumanization and socioeconomic inequalities directly affect the majority of people living and working in the Northeastern Sertão Besides Ramos (1938) as main reference and research object, as well other authors such as: Corrêa (1995). As stated by Castro (1946), there is a “Hunger Geography”, besides fiction literary. The interest in the geographical analysis of a literary work was due to the fact that it demonstrates in rich detail that the misery dealt with in the work is not only that caused by drought, but also the misery imposed by the concentration of power and riches that generate dear socioeconomic inequalities and opportunities.

**Keywords:** Literature, Geography, Hunger, Misery.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Pintura sobre a vegetação da Caatinga do Semiárido Nordestino	19
Figura 02 -	A Região Nordeste no contexto do Brasil	20
Figura 03 -	Imagem da capa e do autor da obra Vidas Secas	22
Figura 04 -	Capa do livro Os Sertões de Euclides da Cunha	26
Figura 05 -	Capa do livro A Bagaceira de José Américo de Almeida	26
Figura 06 -	Capa do livro O Quinze de Raquel de Queiroz	27
Figura 07 -	Capa do livro Menino de Engenho de José Lins do Rego	27
Figura 08 -	Capa do livro O Auto da Compadecida de Ariano Suassuna	28
Figura 09 -	Imagem do Homem nordestino em meio à Caatinga	31
Figura 10 -	Imagem da Família retirante	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>ABNT</b>	<b>Associação Brasileira de Normas Técnicas</b>
<b>CEDUC</b>	<b>Centro de Educação</b>
<b>CH</b>	<b>Centro de Humanidades</b>
<b>DG</b>	<b>Departamento de Geografia</b>
<b>UEPB</b>	<b>Universidade Estadual da Paraíba</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A LITERATURA E SEUS CAMINHOS PARA A GEOGRAFIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4 ANALISANDO A OBRA “VIDAS SECAS” NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA .....</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as representações geográficas encontradas na obra “Vidas Secas” do autor alagoano, Graciliano Ramos, que fez parte da segunda fase Modernista, cuja geração abordava as causas sociais de forma veemente, como uma espécie de denúncia social, frente à realidade vivenciada pelos brasileiros, tendo a seca nordestina como alvo. Vale ressaltar que Ramos (2003) também construiu outras obras literárias como São Bernardo (2003).

Para a realização do estudo traçamos alguns objetivos específicos entre os quais: a) identificar diferentes autores que relacionam a geografia e a literatura, na perspectiva modernista e regionalista; b) traçar um paralelo entre a obra “Vidas Secas” e os condicionantes geográficos do Sertão Nordestino do Brasil; c) expor as trajetórias dos retirantes, comparando os personagens da obra “Vidas Secas” com situações da vida real, em relação aos processos migratórios e; d) introduzir imagens relativas a obra e aos personagens, seguidas de interpretações geográficas das mesmas.

Em “Vidas Secas”, Graciliano busca uma perspectiva de interação entre a ciência geográfica com a literatura, onde ele descreve de uma forma magnífica sua indignação diante da condição de miséria em que viviam os retirantes nordestinos. O foco principal é o drama social diante da rudeza climática e em uma realidade regionalista, tão forte que a literatura se confunde com a realidade, em que não sabemos o que é real e o que é ficcional em seus escritos, pois os personagens poderiam ser facilmente encontrados em um momento de retirâncias.

Nesse contexto, a Geografia escrita em diversas obras literária traz uma percepção de como o leitor pode conhecer e aprender sobre um determinado espaço, lugar, território, aspectos culturais ou região sem nunca ter saído de seu espaço de vida, inclusive, lugares distantes, continentes e países que nem sempre poderia viajar e conhecer de maneira real.

Ramos (2003) convida gente do mundo todo para conhecer o Sertão Nordestino como um território de seca, pedregosidade e que tende por natureza a expulsar as pessoas, mais uns insistem em ficar, teimam em querer viver, como em uma espécie de amor pelo lugar, como o seu próprio e inusitado refúgio, onde o homem se mistura com a natureza e ambos tornam se um (MARIANO NETO, 2001). Assim, de acordo com Santos (2007, p. 12) ainda a respeito do território, argumenta:

O território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2007, p. 12).

Segundo Santos (2007, p.12), “a geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar”. Dessa forma, através da obra “Vidas Secas”, foi possível relacionar a Geografia com a Literatura, dando destaque para um lugar chamado Sertão, assim apontamos pontos relevantes em que a Geografia permite-nos chegar juntamente com os aspectos históricos da obra literária.

O objetivo maior de ser feito este estudo é poder analisar a obra literária “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, o esforço que o autor coloca na literatura em questão, essa mesma literatura demonstrada pelo fato de uma análise crítica do nordeste em tempos passados, onde a grande seca castigava as famílias nordestinas que não tinham nenhum tipo de ajuda.

Para efeitos da metodologia na realização deste trabalho, foi necessária a leitura de obras literárias, seguidas por pesquisas sobre a geografia e a literatura, bem como, de maneira mais aprofundada sobre a vida do autor Graciliano Ramos e em que tempo e período foram escritas as obras de destaque para esse estudo, que desta forma, possamos entender a preocupação dos autores com o Nordeste semiárido, bem como com o descaso e abandono com os nordestinos.

Através da leitura de “Vidas Secas”, pode-se observar a trajetória da família de Fabiano e toda a paisagem que servia como cenário de uma das mais lindas obras literária, que tem como personagem principal um nordestino e toda a problemática do sertão do Nordeste.

Para chegar ao conhecimento de informações sobre a Geografia e Literatura, foi preciso trabalhar com autores renomados e consagrados, tais como, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Josué de Castro, Gilberto Freyre, Milton Santos, Manuel Correia de Almeida.

Tendo um olhar apurado para a geografia, podemos analisar na obra, que há uma grande problemática que não é apenas a seca, e sim a fome que marca a vida dos sertanejos, pois o nordestino sabe lidar com a seca, mais com a fome é diferente, a fome é um castigo para os sertanejos.

Surdos agudos de fome que surgem com as secas, intercaladas ciclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo nas épocas de normalidades (CASTRO, p. 57, 2007).

Trabalhar com a problemática do Sertão nordestino é de grande relevância, pois precisa-se que haja uma desmistificação do pré-conceito sobre os problemas que os sertanejos enfrentam para manterem-se vivos a cada dia seco e ardente, sem comida e pouca ou nenhuma água em uma região esquecida pelos governantes do nosso país.

É preciso que se entenda que o Nordeste, é considerado uma Região problema por culpa da falta de investimentos, por falta de educação, por falta de saúde, por falta de atenção com esta região. A família de Fabiano representa milhares que se encontram perdidas pelo Nordeste, sozinhos enfrentando uma região seca, sofrida, sem condições de sobrevivência.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A geografia e a literatura estão presentes em um mesmo cotidiano literário, caracterizado pela forma de cenário encontrado em obras de escritores renomeados como é o caso da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, em que ele vai nos contar a história de uma família nordestina migrantes, que buscam através de suas andanças um lugar melhor para sobreviver sem tanto sofrimento da seca, que castiga a sua família. Seca esta que castiga o sertão nordestino.

As obras literárias, por sua vez, podem ser entendidas como uma representação social condicionada a certos períodos históricos e utilizadas, no ensino da Geografia, como instrumento de análise e confronto com outros contextos históricos. Além disso, facilitam abordagens pedagógicas interdisciplinares (SEED, 2008, p.52).

Para Castro (2007, p. 57-58), o sertão nordestino é, “A chamada área do sertão do nordeste se estende desde as proximidades da margem direita do Rio Paraíba, no extremo norte, até o Rio Itapicuru, no seu extremo sul, abrangendo as terras centrais dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, numa extensão territorial de cerca de 670.000 quilômetros quadrados, segundo os cálculos dos técnicos da Inspetoria de Obras contra as Secas”.

Em “Vidas Secas”, a questão do imaginário, onde as pessoas ao lerem a obra vão imaginar de imediato à imagem de um sertão seco, árido e com péssimas condições de vida, criando assim uma pesquisa imaginária do sertão só em ler ou ouvir o nome sertão.

Sertão são as áreas geográficas com populações locais submetidas permanentemente a um regime de subalimentação e de carência, exibindo em várias de suas características a marca desta dura contingência biológica (CASTRO, 2007, p.57).

O romance junto com a geografia transcreve um cenário literário onde há uma família de migrantes, que causa diversos tipos de migrações dentro do seu deslocamento de sair de um lugar para o outro, sempre à procura de condições favoráveis à vida. Encontramos com essa constante circulação das personagens a paisagem representada na história, que se mostra sempre seca, típica da região nordestina, bem como a fauna e a flora que também tem grande destaque e, claro, o principal, o homem sertanejo, que é forte, batalhador e duro.

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos. [...] tinham deixado os caminhos, cheios de espinhos e seixos, fazia horas que pensavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés (RAMOS, 2006, p.10).

A obra transcreve uma paisagem seca, com fortes indícios de clima quente, sem chuvas, com plantas murchas ou mortas, ou melhor, sem plantas, com animais desesperados à procura de água para também saciar a sua sede. A própria família no início da história também se encontra a procura de água e sombra, para o seu descanso. A paisagem descrita em “Vidas Secas”, é uma paisagem tipicamente chamada de Caatinga, que segundo Castro (2007, p. 16):

Caatinga é o reino das cactáceas. No solo ríspido e seco estouram as coroas-de-frade e os mandacarus eriçados de espinhos. É a zona de maior aridez do nordeste, com seus rios reduzidos nas épocas secas às faixas de areia, leitos ardentes expostos ao sol (CASTRO, 2007, p. 16).

A Caatinga é um conjunto de espécies vegetais de porte arbóreo e arbustivo que cobrem o semiárido nordestino. Os solos que compõem o ecossistema da

caatinga são arenosos ou areno-argilosos, pedregosos e pobres em matéria orgânica. Também podemos chamar de Sertão, Carrasco e Seridó. Dentre as espécies vegetais mais comuns da caatinga, estão a jurema (*mimosa tenuiflora*), o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), o marmeleiro (*Cydonia oblonga*), o mandacaru (*Cereus jamacaru*), o xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), a faveleira (*Cnidoscolus quercifolius*) e o pinhão-bravo (*Jatropha molissima*) como demonstra a figura 01.

**Figura 01** – Pintura sobre a vegetação de caatinga do semiárido nordestino



Fonte: pt. dreamstime.com (Acesso: 24/11/2019).

Como Freyre (1937, p.185) em suas imagens evocativas descreve: “Sertão de areia seca rangendo debaixo dos pés. Sertão de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras como umas almas do outro mundo com medo de sol”. Aqui teremos a descrição de dois elementos fundamentais para compreendermos o sertão, que são eles a paisagem, mas também o homem. Este homem que hora nos confunde com a paisagem, que estão sempre juntos, formando um elo entre eles, pois as dificuldades os tornam duros e secos. Dentro da cartografia brasileira, o Nordeste compreende uma área que é formada

pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia (Figura 02):

**Figura 02** – Mapa do Bioma Caatinga no Contexto do Brasil



Fonte: [brasilescola.uol.com.br/caatinga.htm](http://brasilescola.uol.com.br/caatinga.htm) (Acesso 24/11/2019).

Dentro do Mapa do Brasil, podemos destacar em azul os nove estados que compõe a Região Nordeste. Mas, não podemos deixar de citar a outra imagem do nordeste, a que está estampada na mídia e no conceito de muitos brasileiros, que é o nordeste da miséria, da fome, do abandono social e do esquecimento político. Uma imagem criada e mantida por gerações. Um nordeste onde nada funciona e tudo está errado.

Ainda segundo Albuquerque Júnior (1999, p.184), “a imagem e o texto do Nordeste passam a serem elaboradas a partir de uma estratégia que visava denunciar a miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorridas neste espaço [...] as terríveis imagens do presente servem de ponto de partida para a construção de uma miragem futura”.

A Literatura Regional tem este poder de conscientizar, de mostrar à realidade, os problemas sociais, a miséria e a vida tão sofridas de um povo, de uma região tão

bonita é o retrato de muitas famílias nordestinas e sertanejas. Anos se passaram, mas a realidade continua a mesma, mesmo com tanto “assistencialismo”, que de uma certa forma minimiza o sofrimento, porém, muitas vezes encontra-se mascarado, presente em nossa realidade.

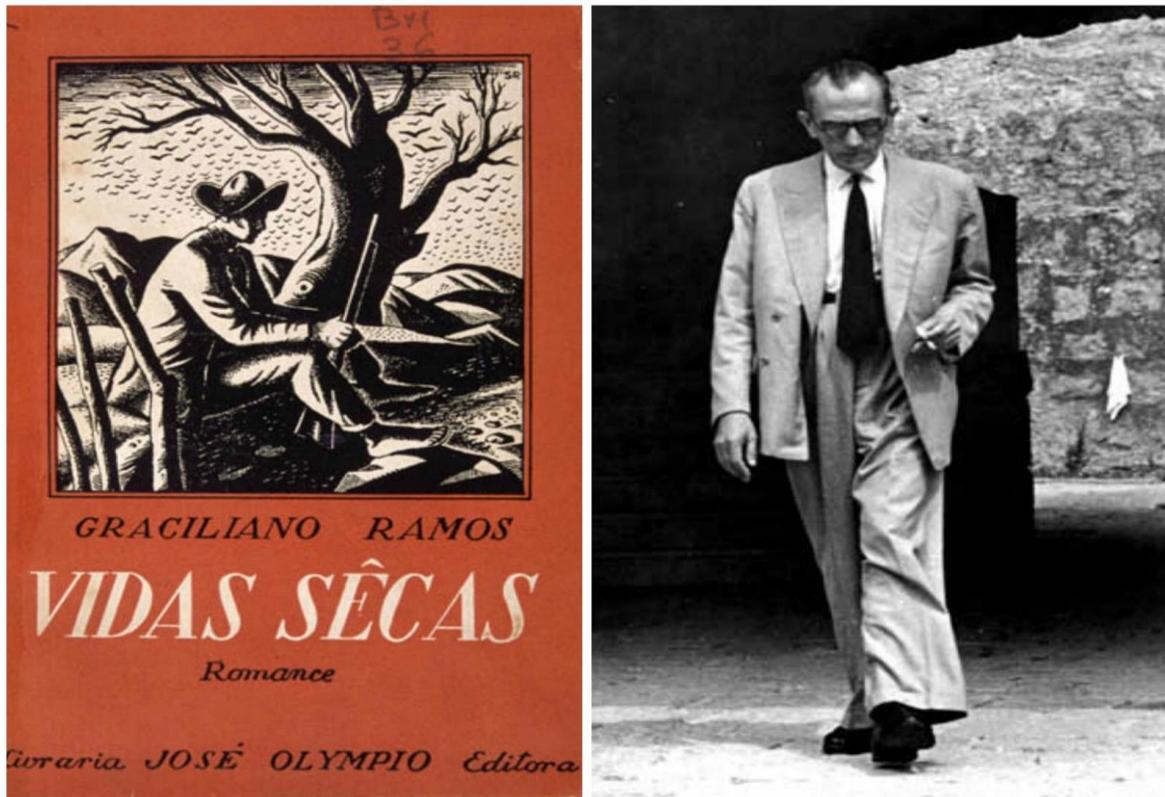
Através dos estudos compreendemos que a Geografia é uma “ciência humana”, já o espaço geográfico, é o produto das relações humanas, é o objeto de estudo dessa ciência (GEORGE, 1965, s.p. *apud* RODRIGUES, 2008, p.31) e que a “literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, a idealização que existe e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer da beleza da geografia casada com a literatura.

Iremos buscar o entendimento, que o objeto da geografia é o Espaço Geográfico e para este entendimento utilizaremos o conceito de Santos (1996), onde o espaço é o local que abraça todos os elementos físico/naturais existentes no passado e no presente, sejam eles participantes diretos ou indiretos da dinâmica social formando a atual configuração do dado espaço.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças idênticas em todos os lugares (SANTOS, 1996, p. 122).

Podemos acrescentar que segundo Santos (1996), “O espaço, portanto é um testemunho, ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada.” A obra é um retrato de como se especializa o cenário que iremos conhecer a fome, a pobreza e a seca, enquanto um fenômeno tanto natural, quanto socioeconômico, pois nem todos os nordestinos ainda conseguem acessar os meios de vida necessários e importantes para que o desenvolvimento humano esteja garantido e que este acesso esteja possível (Figura 03):

**Figura 03** – Imagem da capa e do autor da obra *Vidas Secas*.



Fonte: [guiadoestudante.abril.com.br](http://guiadoestudante.abril.com.br) (Acesso: 22/11/ 2019).

A imagem da capa da obra *Vidas Secas*, salienta uma ideia de um ambiente desolado em que um homem, com trajes típicos do Nordeste, porta uma espingarda e para se encontrar em posição reflexiva ao resignada as condições de seca e pobreza do seu povo, um homem sem perspectiva que algo aconteça a favor dele e de sua família. As paisagens são figuras importantes para compreender o homem inserido nesta sociedade desigual, pois ela forma o desamparo, o descaso e a solidão existente neste ambiente.

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em Quebrângulo, no Estado de Alagoas, no dia 27 de Outubro no ano de 1892. Foi um dos mais importantes romancistas, cronista da Literatura Nordestina, também foi cronista, jornalista, político, militante comunista e memorialista brasileiro do século XX. Viveu no sertão nordestino onde vivenciou os problemas Desta região, tendo assim o seu cenário principal para escrever sua obra de maior relevância literária, “*Vidas Secas*”.

O Movimento Literário conhecido como “Modernismo” que teve seu início com a Semana de Arte Moderna, em 1922 com um movimento cultural, artístico e literário fazendo parte da primeira metade do século XX. A Semana de Arte Moderna foi um marco muito importante para a cultura brasileira, onde houve uma manifestação

artística cultural no Theatro Municipal de São Paulo entre os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922. Nestes dias ocorreram vários tipos de manifestações provocadas pelas artísticas que fizeram parte deste movimento. Aqui houve o rompimento com a arte acadêmica.

Nesta primeira fase com o marco Central a Semana de Arte Moderna, temos a presença muito forte e importante de figuras de nossa literatura, tais como Mario de Andrade que foi umas das figuras centrais do movimento, do escritor Oswald de Andrade e o artista plástico Di Cavalcanti. A característica destes artistas eram impressionar o público e trazer para a sociedade outras maneiras de enxergar e vivenciar a arte. Entre as características principais podemos destacar algumas; a) Ausência de formalismo; b) Ruptura com academicismo e tradicionalismo, c) liberdade de expressão; d) valorização da identidade e cultura brasileira, entre outras.

Já na Segunda Geração Modernista ou Geração de 30, veio para consolidar as ideias dos modernistas da primeira Geração. O país passava por momentos difíceis, com aumento do desemprego, com crise social, política e econômica. Foi o início da Era Vargas e com o fim das Oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, estados esses muito importantes para a economia do país. Com a vinda de Vargas para o governo se aproximava a ditadura no país. Temos como características deste período: a) influência do realismo; b) realidade social; c) realidade cultural, social e econômico, d) valorização da cultura brasileira, entre outras.

Já na literatura, nesta fase temos como tema principal os romances regionalistas e urbanos. Neste cenário houve destaque para autores e obras nordestinas, tais como, a) José Américo de Almeida (1887-1980) que se destacou com o romance regionalista “*A Bagaceira*” (1928), b) Graciliano Ramos (1892-1953) com destaque na prosa regionalista com seu romance “*Vidas Secas*” (1938), c) Jorge Amado (1912-2001), com destaque na prosa regionalista e urbana em especial “*O País do Carnaval*” (1931), d) Raquel de Queiroz (1910-2003) com o seu romance intitulado “*O Quinze*” (1930) e) José Lins do Rego (1901-1957) com seu romance “*Menino de Engenho*” (1932).

### **3 A LITERATURA E SEUS CAMINHOS PARA A GEOGRAFIA**

Para entendermos o conceito geral da palavra literatura e toda sua importância que envolve a Cultura de um povo, temos que expor o conceito e definição de autores

diferentes, tais como, Eagleton (2006), Coutinho (2007), Wellek e Warren (2003), Móises (1984), entre outros que trabalham com esta temática.

Ao falarmos de literatura, Eagleton (2006, p.12) diz que “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido”, ou seja, a literatura abre um mundo com diferentes interpretações e nos proporciona a participar e construir um espaço através da leitura realizada.

Segundo Wellek e Warren (2003, p.14) falam que “literatura parece melhor se o limitarmos à arte da literatura, isto é, à literatura imaginativa”. A literatura imaginária é aquela imaginativa, criativa, que parte para a conotação, uma ficção.

Já Souza (1986), diz que “a literatura é objeto de uma problematização, de um questionamento, apto a revelar a superficialidade da atitude para a qual ela corresponde apenas a uma difusa e culturalizada, sendo o obvio, portanto”. O mesmo autor também tem outro conceito sobre o conceito, que diz, “a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental”. Porém, Móises (1981) fala que “literatura é a expressão, pela escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginativa”.

Após esta discussão sobre os conceitos de literatura partiremos para conhecer sobre os gêneros literários, que Wellek e Warren (2003 p. 306) falam sobre gêneros literários. “O gênero literário não é um mero nome, pois a convenção estética da qual participa uma obra forma o seu caráter. Os gêneros literários “podem ser considerados imperativos institucionais que coagem e são coagidos pelo escritor.” É de extrema importância reforçar o que Coutinho (2007) fala sobre gênero, levando a estrutura que é feito pelo tema e tipo narrativo:

Um gênero representa um sistema de artifícios ou convenções estéticas, manipulados pelo escritor e inteligíveis ao leitor, e que, tanto pela forma exterior (estrutura, padrão métrico, etc.), quanto pela forma interior (atitude, tema, tipo narrativo, etc.), emprestam a certas obras uma fisionomia comum que as agrupam naturalmente (COUTINHO, 2007, p.65).

Platão e Aristóteles citados por Souza (1986), classificou os gêneros literários desde a Antiguidade como uma forma de haver um questionamento literário e assim ficaram divididos em grupos. Segundo Coutinho (2007, p.66), mostra que, “[...] os gêneros literários limitam-se a quatro grupos, constituídos em torno de algumas tendências primordiais: literatura ensaística, literatura narrativa (ficção e epopeia), literatura dramática (tragédia e comédia) e literatura lírica”.

Segundo Welles e Warren (2003), “o gênero narrativo também conhecido como épico é caracterizado por um narrador, que conta a história ou o fato acontecido. Os textos são longos, que tratam de acontecimentos e aventuras. Suas modalidades são romances, fábulas, novelas, contos, epopeias, crônicas e ensaios. O gênero lírico coloca a expressão do eu lírico, manifestando emoções do autor. Sua estrutura é em forma de versos, pois fala da musicalidade existente nas palavras. Os versos podem ser utilizados tanto pelo gênero épico, como o dramático. Já o gênero dramático é apresentado em forma representativa, ou seja, é representado em forma de peça teatral, dramatizado por personagens através de encenação”.

As escolas literárias estão divididas assim: a) o Quinhentismo/Renascimento (séculos XV a XVI); b) o Barroco (séculos XVI e XVII); c) o Arcadismo/ Iluminismo (séculos XVII a XVIII); d) o Romantismo (séculos XVIII a XIX); e) o Realismo/ Naturalismo (séculos XIX a XX); f) o Simbolismo e o Modernismo (séculos XIX a XX). Cada um desses gêneros carrega, dessa forma, a dinâmica de representação de seu tempo (COUTINHO, 2007).

De frente com as escolas literárias, partimos para focar na perspectiva da literatura e da linguagem geográfica. Iremos sistematizar a Escola que irá nos mostrar a linguagem que estamos buscando a compreensão. “Ela tende a ser reconhecida como denotativa e conotativa, fazendo uso de seus conceitos e suas características para transformar uma ideia de lugar, Souza (1986, p. 16),” [...] o que se pode fazer com a literatura não é teorizar a seu respeito, mas tão somente registrar impressão de leitura, sem preocupação de sistematizá-las ou submetê-las a controle conceitual”.

As representações do espaço geográfico encontradas nas obras literárias, vem a fortalecer uma compreensão espacial do lugar que o contexto está inserido. E na obra que iremos fazer a leitura dos elementos que constituí a obra, tais como: paisagem, lugar, território, vegetação, povo, etc. Alguns escritores que utilizam esses recursos em suas obras e assim representam o Nordeste Brasileiro, como: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Raquel de Queiróz, José Américo, Ariano Suassuna, entre outros, que exaltam o Nordeste em suas obras. Com isso Brosseau (1996) ressalta que:

[...] as informações que os textos literários, os poemas e romances, apresentam, são de grande importância para a Geografia, pois, as representações feitas pelos autores e sua capacidade em reproduzir as paisagens com grande objetivo valorizam as paisagens, os lugares

e os homens, servindo de ferramenta para o exercício geográfico, ao fornecerem uma síntese sobre os lugares (BROSSEAU, 1996, s.p.).

Além de aprofundarmos na obra em questão “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, iremos ter uma breve leitura resumida de algumas obras literárias que fizeram história em nossa literatura que traz o retrato da temática na leitura nordestina, da paisagem física e humana das obras.

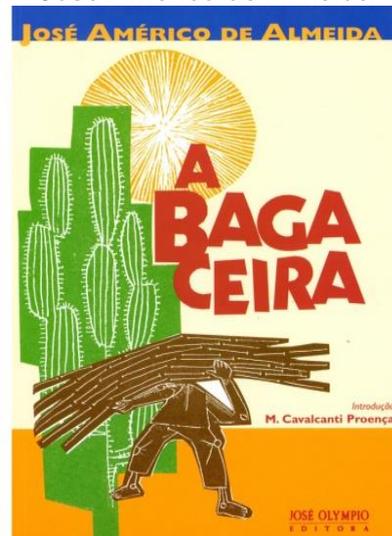
Obras como os Sertões e a bagaceira estão entre as mais lidas do Brasil. Em “Os Sertões” de Euclides da Cunha, teremos uma obra muito extensa com quase 700 páginas, que se encontra dividido em 3 partes, que são constituídas por diversos capítulos. No Capítulo “A Terra”, há uma descrição do ambiente (local, clima, relevo, fauna, vegetação. etc.). Neste capítulo, encontramos um estudo geográfico “O Homem” é a descrição da vida e dos costumes do Sertão, do sertanejo (Figuras 04 e 05):

**Figura 04** – Capa do Livro os Sertões de Euclides da Cunha



Fonte: amazon.com.br (24/11/2019).

**Figura 05** – Capa do Livro A Bagaceira de José Américo de Almeida



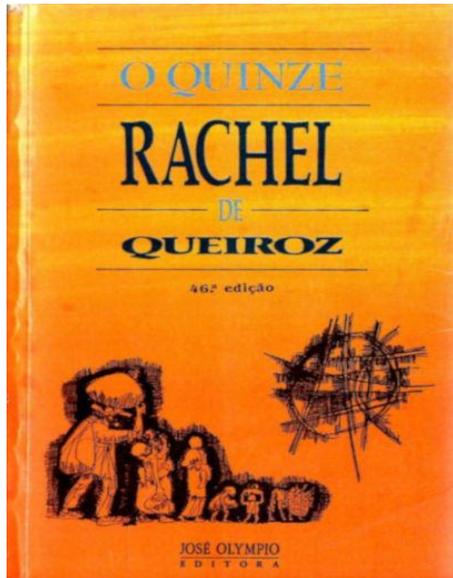
Fonte: amazon.com.br (24/11/2019).

Em “A Bagaceira”, do paraibano José Américo, foi a obra inaugural do movimento chamado Geração 30, ou Segunda Geração Modernista, tem a busca por mostrar um nordeste “verdadeiro”. A abordagem das problemáticas nordestina, tais como das secas e das retiradas, como também das diferenças culturais entre diferentes espaços dentro de um próprio Nordeste.

Aqui teremos as diferenças entre o Sertão e o litoral ou agreste nordestino, com o primeiro sendo retratado pela seca e o segundo por ser um lugar mais úmido. Outras

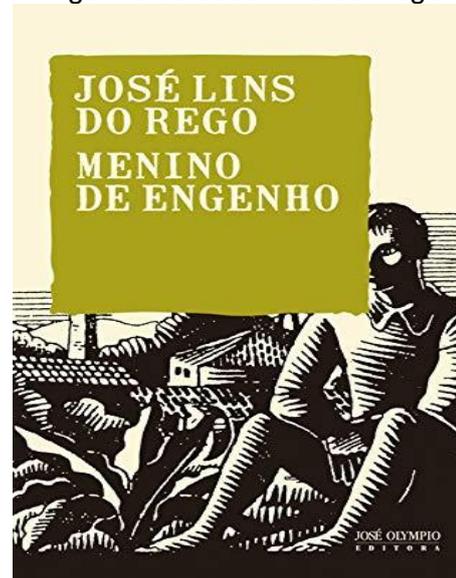
duas grandes obras podem revelar isso. Entre elas o Quinze de Rachel de Queiroz e Menino de Engenho de José Lins do Rego. São obras literárias completamente antagônicas e merecem destaque tanto para a literatura, quanto para a geografia Cultural (Figuras 06 e 07):

**Figura 06** – Capa do Livro o Quinze de Rachel de Queiroz.



Fonte: escolakids.uol.com.br (24/11/2019).

**Figura 07** - Capa do Livro Menino de Engenho de José Lins do Rego

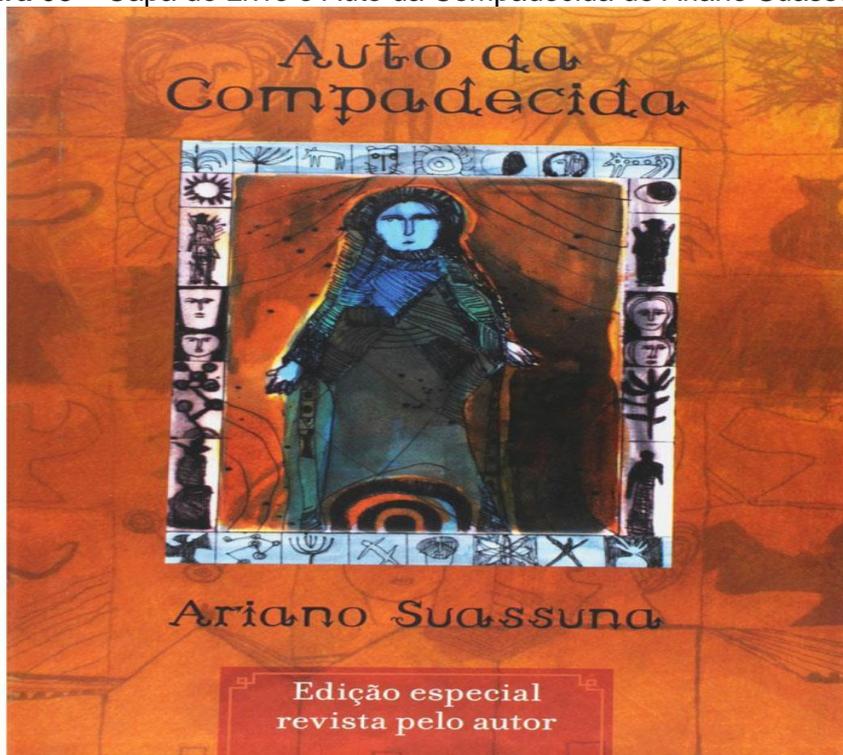


Fonte:amazon.com.br (24/11/2019).

“O Quinze”, escrito em 1930 de Raquel de Queiroz, tem uma narrativa da seca histórica de 1915. A seca de 1915 trouxe a fome e muita miséria para o interior do Ceará e provoca uma migração em massa dos sertanejos em busca de oportunidade na capital Fortaleza. Esta migração gerou grande crise, onde o governo instalou campos de concentração para abrigar os refugiados da seca, provocando assim em média 150 pessoas mortas por dia. A autora traz para a sua obra a situação do Alagadiço, o maior campo de concentração de Fortaleza. A miséria é observada pela personagem principal, uma professora da cidade que visita a fazenda da família. “Em Menino de Engenho” de José Lins do Rego, foi publicado em 1932 e ficou conhecida como o primeiro romance do Ciclo da Cana de Açúcar. Os primeiros capítulos retratam a história de Carlos ainda criança para a sua vida de adolescente, onde é retratado um drama da vida do menino que viu o pai matar a sua mãe. O menino cresce no engenho de seu avô materno em um ambiente rural rodeado de muita riqueza natural. O ambiente é retratado na história com muito respeito.

Outra importante obra é o “O auto da Compadecida”, do também paraibano Ariano Suassuna, é a primeira peripécia narrativa de peça, onde a literatura em cordel é trabalhada contando os costumes e tradições do povo do nordeste dando uma ênfase maior aos humildes e claro não se esquecendo de fazer uma sátira humorística aos poderosos e os religiosos que apenas se preocupam com questões materiais. Suassuna nasceu na cidade de João Pessoa em 16 de junho de 1927 (Figura 08):

**Figura 08** – Capa do Livro o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna



Fonte: amazon.com.br (Acesso 24/11/2019).

Todas estas obras citadas e trabalhadas têm como cenário e personagens o Nordeste. Obras que trabalharam o Nordeste com todas as suas problemáticas, com as dificuldades vivenciadas e retratadas nas personalidades de seu povo sofrido, que lutam intensamente pela sobrevivência que não é apenas a busca pelo espaço e sim pela identidade perdida. Mesmo assim o nordestino é forte e perseguidor de seus desejos, da melhora para si e sua família.

As obras citadas foram publicadas na década de 30 onde o país passava por grandes transformações e o intenso trabalho dos trabalhos de mostrar a realidade do nordeste, nos mostra muita coragem, pois essa região sempre foi esquecida pelos holofotes do cenário literário brasileiro.

#### 4 ANALISANDO A OBRA “VIDAS SECAS” NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA

Ao ter contato com a obra, logo no primeiro capítulo, *Mudança*, Ramos faz uso de um termo impactante, forte e até mesmo chocante para caracterizar a família que protagoniza a obra: “os infelizes” (2011, p.9). O uso deste adjetivo nos ajuda a identificar os membros que formam esta família, Fabiano, Sinhá Vitória e as duas crianças com uma situação de precariedade e de total infelicidade.

Através da leitura de alguns trechos da obra, podemos idealizar um território de clima seco, de vegetação danificada pelo clima quente e pouca chuva e principalmente por nos transmitir uma imagem totalmente sem prazer as pessoas que estão lendo: “como haviam repousado bastante na areia do rio seco” (p. 9); “fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala” (p. 9); “fazia horas que passavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (p. 10).

As regiões do semiárido brasileiro são caracterizadas, de modo geral, pela aridez do clima, pela deficiência hídrica com imprevisibilidade das precipitações pluviométricas e pela presença de solos pobres em matéria orgânica. O prolongado período seco anual eleva a temperatura local, caracterizando a aridez sazonal. Conforme essa definição, o grau de aridez de uma região depende da quantidade de água advinda da chuva (precipitação) e da temperatura que influencia a perda de água por meio da evapotranspiração potencial (SILVA, 2008, p.17).

Quando Ramos nos mostra uma descrição da paisagem, onde o céu é sem nenhuma nuvem: “Fabiano [...] espantou-se; uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeita, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente” (2011, p.13).

Pela análise feita podemos entender que o céu é sem nuvens, Ramos inclui elementos que nos ajuda a compreender que o dia é desesperador: lágrimas provocadas pela claridade do sol; temos pôr a nuvem de desfazer, ou seja, um céu ensolarado intensamente, onde fortalece o clima quente, em um céu onde só se via o sol e o “azul”. Tendo em mãos esta descrição do ambiente, podemos criar uma

imagem de um local sem pessoas, abandonada, com poucas pessoas, ou melhor, com apenas a família que protagoniza a história, com uma vegetação sem vida e com escassez de água.

Dentro do contexto do ambiente, Graciliano vai apresentando indícios de secas no Nordeste brasileiro, e para ressaltar a importância desse conceito, iremos esclarecer através de Silva (2008, p. 19) para caracterizar-se essa definição dentro do nosso estudo.

As secas são características tanto pela ausência e escassez quanto pela alta variabilidade espacial e temporal das chuvas. Não é rara na história da região a sucessão de anos seguidos de seca. No entanto, a limitação hídrica ocorre anualmente devido ao longo período seco que leva à desperenização dos rios e riachos endógenos. A reduzida capacidade de absorção de água da chuva no solo é dificultada em virtude do relevo alterado e dos solos rasos e pedregosos. A presença de solos cristalinos na maior parte da abrangência do Semi-Árido limita o acesso à água existente nos aquíferos, por meio de poços de baixa profundidade, verifica-se uma quantidade inferior da água para consumo humano e animal e para irrigação da lavoura, devido à alta concentração de sais minerais (água salobra), originada das fissuras das rochas (SILVA, 2008, p.19).

Não podemos deixar de analisar os personagens, sendo eles os principais reveladores desta Geografia que nos gera tantos conflitos. Segundo Ramos, estes sofriam de fome e sede em demasia: “a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (p.11); [...] Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e, como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo [...].

“Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo” (p.14), [...] Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se lento, para não derramar a água salobra. [...] Encheu-se a cuia, escorou-se com pedras, matou a sede da família (p. 15). A família de Fabiano, como muitas outras famílias nordestina, sofreu com a fome, tendo como alimento a caça de sua própria cadela Baleia, é narrado também que a família teve que se alimentar do seu próprio papagaio para saciar a fome.

Nesse contexto as imagens da seca marcam o ambiente tanto na realidade, quanto no romance. O sertanejo se adaptou a seca, ao sol, ao espinho e ao solo ressequido pelos longos períodos de estiagem que atingem o Sertão Nordestino. A seca que é representada em “Vidas Secas”, existe na realidade regional e o romance reflete em imagens textuais essa realidade. A seca de fato mata, aniquila grupos humanos, animais e vegetais. A seca é também um símbolo de que os homens lutam

com suas forças para superar os obstáculos da natureza, mas em algumas situações a seca consegue ser tão forte que expulsa os moradores da região afetada

A sede castigava quem bebia água retirada de lama, água essa que era usada pelos animais. Com essas e outras informações, fica evidente, os aspectos de pobreza e de total miséria que a família de Fabiano passou suportando dois elementos que prejudica a existência do ser humano: a fome e a sede. A fome que castiga sem piedade, um povo que já se sentem castigado por suas condições de existência desigual, sem condições de plantar e colher. E a sede que mata as condições de existência, mais não mata a sede nordestina.

O Nordeste é a região brasileira que sofre com várias dificuldades, tais como o descaso social, a fome, a miséria, a sede, e a saída de seu habitat natural é a única saída para a sobrevivência da família. As representações da família de retirantes que levam conseguem o pouco que se tem. Na história “Vidas Secas”, esta imagem entra como a família de Fabiano, onde com ele estão os dois filhos, a esposa e a cachorro Baleia. A marca da seca permanece viva na imagem e o sofrimento está estampado nos semblantes da família:

A família de Fabiano é o retrato da família nordestina, que são retirantes natos, pois não tem um local fixo, uma condição que lhe permita uma subsistência da sobrevivência humana com uma economia de qualidade, com educação, assistência social, saúde e o principal um trabalho que seja desenvolvido com os sertanejos para que se sobreviva com um trabalho de conscientização da situação da seca, que ela não seja vista apenas como uma inimiga e sim ser uma aliada de seu povo para que se tenha qualidade e condições de se desenvolver no sertão, mesmo com tantas amarguras como mostra a figura 10 a seguir.

**Figura 10** – Imagem da família retirante



Fonte: todamateria.com.br (Acesso em: 25/11/2019).

Ao relatarmos a identidade do personagem, Bock; Furtado; Teixeira (2002, p.23) cita Brandão (1986, p. 38), que diz: [...] a identidade explica o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu, de uma realidade individual que torna cada um de nós um de nós um sujeito único diante de outros ‘eus’; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência de minha continuidade em mim mesmo”.

No segundo capítulo intitulado “Fabiano”, conta a chegada da família à fazenda grande. Neste capítulo não teremos um enfoque na geografia como vimos no capítulo anterior, pois retrata os rios secos, com lama e rachaduras feitas devido o sol escaldante da região. A presença forte da flora representada pelos juazeiros, mandacarus, catingueiras, baraúnas etc. A obra vai mostrar o que Ruggiero (chefe de divisão da Fundação Educacional São Carlos – FESC Villa Prado), onde chama a geografia psicológica, que tem o entendimento de Fabiano desde os seus antepassados sobre a seca que tanto maltrata o sertão, que como conta Ramos que apresenta a caatinga aos olhos delatados do vaqueiro:

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria,

naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marcharia para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas - ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo (RAMOS, 2011, p. 23-24).

Ainda refletindo sobre a vegetação que caracteriza a Caatinga, usaremos a fala de Ab´Saber (2006) que vem a nos dizer que:

A vegetação da caatinga ocupa três quartos de milhão de quilômetros quadrados, correspondentes ao Brasil subequatorial semiárido. Fitofisionomicamente é um domínio climático e ecológico de todas as regiões que o circundam: matas costeiras ou cerrados do altiplano central... As caatingas nordestinas têm combinações de espécies xerofíticas, conforme as diferentes sub-regiões pedológicas e climáticas regionais. Ocorrem caatingas arbustivas herbáceas em setores de solos rasos e de media altitude (400-450 metros). Em setores rochosos e de solos líticos, descontínuos e com sucessivos lajedos, encontram-se caatingas de arbóreas miúdas e espinhentas, entremeadas por cactáceas— nos lajedos, entretanto, concentram-se localmente todos os tipos de cacto existentes na região, tais como mandacarus, xiquexiques e coroas-de-frade, intercaladas com caraguatás (AB´SABER, 2006, p.110).

O terceiro capítulo intitulado de “Cadeia” vem retratar a intensa busca de Fabiano por sua identidade, assim também a falta de oportunidade que o homem do campo sofre. Fabiano é um homem honesto, trabalhador, sofrido que representa a figura do Nordeste em pessoa, mas é preso, passa por esse vexatório por não saber se expressar, por não saber usar bem as palavras. Sem estudo, sem conhecimento linguístico para se expressar diante de autoridades, ele é preso, simplesmente por não falar da maneira correta, como diz Ramos (2011, p.31):

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir (RAMOS, 2011, p. 31).

A cada momento da obra é reforçado a questão da seca, da falta de água, da falta de oportunidade, da questão do descaso social. A água que é usada para o seu consumo, sua sobrevivência é um dos elementos geográficos “Fabiano tomou a cuia [...] encaminhou-se ai rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama.

Cavou com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão bebeu muito” (RAMOS, 2011, p.14).

No quarto capítulo “Sinhá Vitória”, traz a imagem da mulher do vaqueiro, que tem apenas o desejo de possuir uma cama, mais não é uma simples cama e sim uma cama igual à de seu Tomás de Bolandeira, que possui uma cama dita como real, de couro e sucupira, e não uma cama como a dela que na verdade é de vara com um nó no meio.

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando boi de barro, que secavam ao sol, sob o pé-de-turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinha-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido (RAMOS, 2011, p.14).

Almeida (2008) vai personificar Sinhá Vitória como uma mulher corajosa, que acaba sendo a fortaleza de seu esposo, a mãe protetora de seus filhos, mais ao mesmo tempo ela se torna uma mulher reprimida, castrada, pois tem sonhos como toda mulher, mais, porém não pode realizar devido as suas condições, o que a deixa em estado de submissão e impotência a sua realidade vivida.

Um fato muito importante é que os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória não tem nomes, eles são identificados como menino mais novo e menino mais velho, roubando deles o direito a identidade de cada um, e sobre isso Almeida diz que. “Na vida áspera da caatinga, os seres humanos nivelam-se aos demais viventes, ou seja, aos animais. A cachorra Baleia, por exemplo, tinha nome, enquanto que os meninos de Fabiano não tinham e são tratados apenas como o menino mais velho e o menino mais novo” (2008, p.121-122).

No quinto capítulo “O menino mais novo”, temos a representação da profunda admiração do filho caçula ao pai, eu ele ver como um homem forte, trabalhador, que cuida da fazenda, trazendo os elementos da cultura Nordestina. O menino passa a ser um grande observador de seu pai, andando com esporas, gibão e outros utensílios de vaqueiro (RAMOS, 2011). As representações geográficas que já foram demonstradas até o momento, são às memórias do filho mais novo, tais como, o momento de levar os animais para beberem água no rio, as plantas que os rodeia como os juazeiros entre outras. A seca é pouca falada neste capítulo.

Para as crianças havia vários poderes que os suprimia, além da seca, havia o poder patriarca de Fabiano. Os meninos sentiam Fabiano tão seco quanto o tempo que os punia, sentiam-se ao poder do pai. No entanto, o menino mais novo tem no pai um ideal de referencial (ALMEIDA, 2008, p. 121).

No sexto capítulo “O menino mais velho”, tem o filho mais velho completamente diferente do caçula e a palavra que melhor representa o garoto foi dita por dona Terta, a costureira, que seria inferno, onde ao querer saber o seu significado o menino foi castigado com cocorote (pancada na cabeça com o nó dos dedos, cascudo). Neste capítulo a seca volta a ser falada, e foi período em que a família passou fome e sede, com elementos geográficos que formam a caatinga, tais como os xiquexiques, os mandacarus, as moitas, o morro e as serras, denominado o sertão Nordestino.

Deu-se aquilo porque sinhá Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. Ele nunca tinha ouvido falar de inferno. Estranhando a linguagem de sinhá Terta, pediu informações, Sinhá Vitoria, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como filho exigisse uma descrição, escolheu os ombros... O pequeno afastou-se, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Sinhá Vitoria falou em espertos quentes e fogueiras. - a senhora viu? Aí sinhá Vitoria se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote. O menino saiu indignado com a injustiça [...] (RAMOS, 2011, p.55 – 56).

No sétimo capítulo, “Inverno”, refere-se ao período mais desejado e esperado pelos sertanejos Nordestinos que é o período de chuvoso que faz com que o Sertão renasça, retirando o medo da seca que tanto castiga, pois com a chegada do inverno vem acompanhada às alegrias e as cheias dos rios e lagoas, as plantações flora e dão frutos. Os caminhos ficam verdes e tão é mais bonito de ser ver e de se sentir. A família estaria farta de comida e assim engordaria também, ou seja, a felicidade reinaria.

Nesse capítulo encontraremos muitas representações geográficas, começando pelo ar que sopram ventos frios e ventos fortes que chegam a balançar as árvores como, por exemplo, as catingueiras. Também temos a chegada das águas das chuvas que se formavam em enchentes, algo quase raro no sertão, enchendo assim os rios e os lagos. Do céu vem os trovões, os relâmpagos, as chuvas de dia e noite, apagando o medo da seca que castigava a caatinga. Neste capítulo encontraremos representações geográficas como diz Ross (2008) que vem dizer:

As massas de ar que trazem as chuvas produzem ventos que sopram de noroeste, leste e sudeste. A perda de água por evaporação, propiciada pelos ventos, temperaturas altas e vegetação, podem alcançar 1 800 mm anuais. Uma região de caatinga pode evaporar mais água do que recebe num ano. No polígono das secas a evaporação é muito maior que a precipitação. A radiação solar a céu limpo, nessa região, pode chegar a 3200 horas anuais, o que equivaleria a 266,6 dias do ano com 12 horas de luz (ROSS, 2008, p.175).

Comentando a citação anterior ainda vamos enfatizar as discussões feitas por Ross (2008) complementando seu pensamento podemos dizer.

As massas de ar equatorial dos dois hemisférios (norte e sul) se contrapõem na região equatorial criando a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). A ascensão de ar na ZCIT produz uma zona de aguaceiros e trovoadas. A posição da ZCIT em relação aos dois hemisférios determina onde serão despejadas as chuvas. Devido à menor massa continental do hemisfério sul ao seu consequente ar mais frio, a ZCIT conserva-se acima do Equador. Apesar disso, há um período, geralmente de janeiro a abril, em que a ZCIT está ao sul do Equador, devido ao intenso resfriamento do Ártico. Nesse período chove no Nordeste. Nos meses secos, a região nordestina está sob domínio da Massa Equatorial Atlântica, que é “seca”. Essa massa, ao alcançar o Nordeste, por um mecanismo de resfriamento e saturação de água, perde umidade nas regiões litorâneas, deixando o interior seco, salvo nas regiões serranas. A Frente Polar Atlântica (FPA) e a ZCIT agem combinadas seus percursos são feitos com uma periodicidade que pode ser prevista pelo comportamento do clima global. A circulação geral da atmosfera tende ao equilíbrio de pressão e temperatura, a são esses dois fatores climáticos que podem ajudar a prognosticar as secas (ROSS, 2008, p. 178 – 179).

O oitavo capítulo “Festa” vem nos mostrar uma referência a uma representação cultural, a religião da família muito católica que é representado quando a família vai à festa de natal na cidade. Com toda a dificuldade que a família enfrenta, eles procuram vestir a melhor roupa para assistir a novena de natal, mesmo com os trajes já apertados ou acessórios pequenos. Este momento é realizado com muita atenção, como Ramos (2011, p.71) mesmo diz:

Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por Sinhá Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botinas de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como moças da rua – e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam camisinhas de riscado ou andavam nus. Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinhá Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos. Sinhá Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano se mostrara desentendido, certa de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos.

Em consequência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas (RAMOS, 2011, p.71).

No nono capítulo “Baleia” relata a doença que assombrava a cadela, que Fabiano vendo todo sofrimento resolve sacrificá-la para não vê a coitadinha sofrer. Neste capítulo é narrado os fatos de como Fabiano procedeu com essa missão e os fatos que aconteceram depois que ele atirou e só acertou no quarto traseiro da cadela.

Neste capítulo teremos as lembranças da cadela que relembra os momentos vividos na fazenda junto com os meninos por perto, como amigos e companheiros de brincadeiras, onde a caatinga era a sua amiga, sua aliada, pois com todo sofrimento vivido se imagina pegando preás, até sente o cheiro deles. Como diz Ramos (2011, p. 89):

Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se. Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. [...] Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

O décimo capítulo “Contas” é uma crítica que o autor faz ao relatar Fabiano trabalha muito e não é remunerado da forma correta pelo dono da fazenda, pois Sinhá Vitória não sabe muito, mas o pouco que ela sabe usa para explicar a Fabiano o que pertence ao seu patrão e o que pertence a ele. Mas ao chegar ao escritório do patrão, ele ver que não dá a parte que pertence a Fabiano por completo, dizendo que ele tinha muitos juros descontados na parte de Fabiano que reclama, e diz que “com certeza havia um erro no papel branco” e que não era correto ser enganado, e continuava a reclamar, “passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como um negro e nunca arranjar carta de alforria!” Para reafirmar o abuso do dono das terras em cima de Fabiano, como mostra Ramos (2011, p. 94):

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim, no toco, entregando o que era dele demão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar sérvio noutra fazenda. Aí Fabiano baixou à pancada e amunhecou.

O décimo primeiro capítulo “O soldado amarelo”, é uma lembrança de Fabiano que havia sido preso atrás há um ano por este soldado sem dó e sem piedade, pelo motivo dele não ter se expressado direito com suas palavras matutas. Em certo dia, Fabiano encontra o mesmo soldado que lhe fez mal, e ele ver no soldado o medo em seus olhos, neste momento passa pela cabeça de Fabiano a vontade de matá-lo ali mesmo. Com destaque a este momento Almeida (2008), ressalta o seguinte:

No segundo encontro de Fabiano com o soldado amarelo, é interessante notar a reação do sertanejo diante de quem lhe fez tanto mal. Na mente de Fabiano o governo (representado pelo soldado) é uma entidade poderosa e ele respeita isso, pois preza seus princípios e prova o valor de homem simples, que respeita o próximo e se coloca digno perante aquilo que acredita. Como ser humano, Fabiano é arrebatado, em princípio, pelo sentimento de vingança. Porém, é enorme sua capacidade de absorver injustiças sem cobrar reparações, por isso curvam-se mais uma vez e conclui: “governo é governo!” (ALMEIDA, 2008, p.119).

O décimo segundo capítulo “O mundo coberto de penas”, é dedicado as aves cujo elas têm nome de arribações, que são frequentadoras e moradoras da região da caatinga. Era frequente a presença de seus voos nas terras onde morava Fabiano e sua família. Fabiano e sua mulher não encaravam esses voos como sinônimos de coisa boa, para eles isso era um mau sinal, sinal de que a seca estava chegando. As aves encontravam se voando em bandos e bebendo a água do bebedouro que era pouca e só dava para os animais da fazenda. Com a seca já castigando a fazenda e a família de Fabiano e aquela imagem, das aves bebendo a água do bebedouro na cabeça de Fabiano todos poderiam pagar muito caro e assim decide matar as aves para que a água não acabe logo, como relata Ramos (2011, p.109).

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul. O canal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado (RAMOS, 2011, p.109).

O décimo terceiro e também o último da obra “Fuga”, neste capítulo a família de Fabiano saem em busca de um novo lugar, com a memória cheia de recordações de sua antiga fazenda, pois lá havia ficado a cachorra Baleia que era muito querida por todos. Sinhá Vitória carregada sonhos e desejos em seu coração, desejava que

Fabiano encontrasse um emprego em outra fazenda, sonhava com as suas crianças frequentando a escola e assim aprender as letras para serem grandes homens e não terem a mesma sina do pai, ser um vaqueiro, como fala Ramos (2011, p.127-128):

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela (RAMOS, 2011, p.127-128).

A jornada foi longa e dolorosa com a fuga Fabiano levava mantimentos para não terem a fome como companheira, levando junto a eles um bezerro que ele havia matado e salgado e algumas aves que foram abatidas enquanto bebiam água nos bebedouros. O destino é ao Sul. Andaram muito, como bichos, Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos corajosos e dispostos, na mente apenas a imaginação do lugar que o destino está levando-os, lugar este que era indefinido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A geografia vem nos mostrar que é possível estudá-la através de outra disciplina, como foi no caso da Literatura. Em “Vidas Secas”, tivemos um contato com a paisagem, com a economia, com o território, com a climatologia, entre outros ramos da Geografia. Quando falamos em Nordeste, logo nos vem à mente um lugar pobre, onde a imagem produzida pelo nosso cérebro é remetida ao Sertão. E a obra confirma essa imagem.

É necessário que haja nas instituições educacionais projetos capazes de transmitir de uma forma mais justa o que realmente é o Nordeste, e a literatura tem esse poder de nos mostrar características fundamentais e necessárias para esta compreensão. Obras como “O Quinze”, de Rachel de Queirós, “A bagaceira”, de José Américo de Almeida, onde tem como cenário principal o Sertão. “Vidas Secas”, surge com uma linguagem enxuta, direta, com fortes indícios de paisagens física, humana, psicológica e social e de uma forma de fácil compreensão e visualização.

Durante esta intensa e apaixonante pesquisa procuramos trazer para nossos dias e vidas a importância das relações entre geografia e literatura. Trouxemos, em especial, discutir a utilização da literatura como ferramenta principal e usar a sua

metodologia nas aulas de geografia, abordando conceitos, abordagens e temáticas acerca dos elementos geográficos pertencentes a obra “Vidas Secas” do escritor alagoano e regionalista Graciliano Ramos.

Tendo como ponto chave a questão do Nordeste Brasileiro e toda temática que envolve esta região, pudemos colocar em pratica a identificação de representações geográficas em obras literárias, mas especificamente a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Consideramos, dessa forma, que a obra de Ramos é rica em elementos visíveis para que a Geografia seja retratada de uma forma especial dentro de uma obra literária, possibilitando assim que o professor tenha ferramentas para poder trabalhar com os elementos em sua sala de aula.

Também ficou constatado que o professor de Geografia possui um leque de oportunidade para desenvolver em suas aulas trabalhos que venham a gerar um ambiente propicio a aprendizagem dos alunos, inserindo novos métodos e novas temáticas para refletir junto aos alunos.

Como já foi visto e dito neste trabalho, o nosso objetivo maior era trabalhar a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos nas aulas de Geografia. Porém a temática nos permite trabalhar não apenas com a obra citada, mas com diversas outras obras literárias sem fugir do tema. Nordeste Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste**. São Paulo: Cortez, 1999.

CASTRO, Josué de. **A geografia da fome, o dilema brasileiro: Pão ou aço**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo: Global Editora, 1937.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2007.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SEED. **Diretrizes Curriculares de Geografia para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba, 2008.

AB´SÁBER, Aziz Nacib. **Ecosistemas do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2006.

AB´SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. Dossiê do nordeste seco. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 13, vol. 36, p. 7-59, 1999.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano Ramos e Miguel Torga. *In*: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. **Espaço interdisciplinar: Literatura, Meio Ambiente e Relações Sociais**. Recife; Baraúna, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A problemática da seca**. Recife: Líder, 1999.

ARAÚJO, Kárita de Fátima. ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. 1915: A seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz. **Revista Estudos Históricos**, CDHRP, n. 3, Diciembre de 2009 - ISSN 1688 – 5317.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço Lugar e Literatura: o olhar geográfico Machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 25, p.41- 52, Jan./ Jun. de 2009.